

ENTREVISTA | PAULO HALM

ROTEIRISTA E CINEASTA

Marcelo Gibson/Divulgação



“Parece que a gente está condenado, como Sísifo, a ficar empurrando uma pedra montanha acima apenas para vê-la rolando morro abaixo em seguida”

‘Nosso audiovisual, lamentavelmente, vive de ciclos... e o pior, de ciclos labirínticos’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Cerca de um ano e meio depois de sua estreia comercial, uma fofura brasileiríssima chamada “De Pai Para Filho” volta à telona, para uma sessão única, esta noite, na sala 4 do Estação NET Botafogo, às 19h. Lançado comercialmente em agosto de 2024, após ganhar quatro prêmios no Festival de Paraty, o longa-metragem de Paulo Halm é uma delícia daquelas que a gente via na “Sessão da Tarde”. Tipo aquelas com Steve Martin ou Dan Aykroyd (todos muito bem dublados), boas em misturar dores, amores e risos numa equação em que o valor de X era um xêro no coração. Depois de emplacar, como roteirista, dois fenômenos de audiência seguidos no horário das novelas das sete da TV Globo - “Totalmente Demais” (2015) e “Bom Sucesso” (2019), escritos com Rosane Svartman -, Halm foi dirigir essa tal narrativa sobre paternidade com o desejo de fazer “um filme fofo”. Em 2022, recebeu o Correio da Manhã no set, num apartamento no Bairro Peixoto, e jurou: “Parece um filme de Natal”, falando orgulhoso de sua cria, sobretudo quando o ator Marco Ricca (que está colossal em cena no papel de um fantasma camarada) passou pelo corredor para dar “Oi!” ao repórter que foi acompanhar as filmagens. “Não parece o Bill Murray?”, dizia Halm, todo pimpão. O que o diretor de “O Resto É Silêncio” (2003) extraiu da rodagem fez jus à sua ambição afetiva. “De Pai Para Filho” é uma fofura mesmo.

Em sua sessão inaugural, no Festival de Petrópolis, uma marman-

jada saiu da sala fungando de emoção. Tinha tudo para ser um sucesso. Só que – como bem escreveu o dramaturgo Flávio Marinho -, “na vida, sempre existe um mas...”. Aquele longa-metragem contagiante bateu na trave, por uma série de questões que refletem as inseguranças e as incertezas políticas de nosso audiovisual. Halm vai falar sobre elas ao fim da projeção no complexo exibidor da Rua Voluntários da Pátria 88. Após a exibição, rola bate-papo com ele, a produtora (Lia-ra Castro), a diretora de arte (Tainá Xavier), o diretor de fotografia (Alex Araripe) e o montador (Eduardo Nunes). A conversa há de celebrar as múltiplas excelências da produção, mas há de tocar nas excentricidades de nosso mercado cinematográfico.

Realizador de “Histórias de Amor Duram Apenas 90 Minutos” (2009), Halm construiu “De Pai Para Filho” para ser uma comédia dramática (ou um drama com tons generosos de humor), que fosse salpicada pelo sobrenatural. Juan Paiva é José, dono de uma loja de ferragens em Araraquara (SP). Depois da morte do papai rock’n’roll, o músico Machado (Ricca), com quem pouco ou quase nada conviveu, o comerciante precisará dar um pulo no Rio, para lidar com sua herança. De um lado, José vai aprender o que é a paixão no sorriso de Dina (papel de Miá Mello). Do outro, com uma ajudinha dos Céus (ou seria de sua imaginação), José vai aprender que um abraço paterno pode ser um belo de um abrigo no carinho (espectral) de Machado.

Na entrevista a seguir, Halm antecipa detalhes de sua discussão desta noite, no Estação. E, ó, não tem desculpa para faltar: a entrada é franca, sujeita à lotação. Serão distribuídas senhas uma hora antes da sessão.

Desde que o filme passou pelo circuito você discute a questão de uma fragilidade comercial em nosso circuito que os sucessos recentes não aplacam. Que fragilidade é essa? Como ela afetou “De Pai Para Filho”?

Paulo Halm - Olha, eu acho que até fiz as coisas direitinho. Apesar de ter um orçamento bem reduzido, bem pequeno, quase um BO, com recursos da GloboFilmes, filmando ainda na pandemia, consegui fazer um filme bacaninha, com um elenco maravilhoso, estelar... só filé. O Juan Paiva, esse Chadwick Boseman carioca, super talentoso, lindo, carismático, um galã da cor do Brasil. A Miá Mello, essa força da natureza. O Marco Ricca. A Valentina Vieira, gênio, e o auxílio luxuoso do Pablo Sanábio, do Charles Fricks, do Xando Graça, do Fabrício Santiago... Fiz um drama familiar